

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**A CULTURA VISUAL E O MEIO AMBIENTE COMO COMPONENTES
TRANVERSALIZANTES DA AÇÃO EDUCATIVA.**

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Mariana Garcia Barbosa

CPGEAMB

Santa Maria, RS, Brasil, 2006

A CULTURA VISUAL E O MEIO AMBIENTE COMO COMPONENTES TRANVERSALIZANTES PARA A AÇÃO EDUCATIVA

Mariana Garcia Barbosa¹ Profª Drª Elisete M. Tomazeti²

RESUMO

A pesquisa foi realizada em escola da rede estadual de ensino, no período destinado às aulas da disciplina de Educação Artística, com uma turma de 38 alunos do primeiro ano do ensino médio. Ela baseia-se nas necessidades suscitadas pelo mundo contemporâneo capitalista e compartimentado produzindo um novo olhar sobre a forma com que realizamos educação, mais especificamente no trabalho interdisciplinar entre o Ensino da Arte e a Educação Ambiental, em um contexto didático, com metodologias, que possibilitem cruzamentos entre as áreas de conhecimento para a mobilização de reflexões críticas. Assim, ao enfocarmos as questões referentes ao bem estar e ao equilíbrio social pelo olhar ambiental, que se baseia nas inter-relações e interdependências entre o ser humano e seus contextos, estamos trabalhando com a Educação Ambiental e fazendo com que, todos possam participar de forma ativa. Tendo como instrumento de pesquisa o Ensino da Arte elaborando leituras e releituras de imagens, diante da percepção dos 40 alunos de ensino médio pesquisados, através do contato com a linguagem artística, assim puderam conseguir efetivamente uma educação do olhar, porque passaram a perceber a poluição visual e compreenderam o meio ambiente passando para uma visão mais complexa. Buscou-se também diante da realidade de cada sujeito, a compreensão de sua história, sua cultura e seu entorno e efetivando assim, novos caminhos para uma educação mais atual e eficaz. Palavras Chave: Educação Ambiental, Arte Educação, Poluição Visual, Ensino Médio, Educação.

¹ Especialista em Educação Ambiental, Licenciada e Bacharel em Desenho e Plástica. Acadêmica do curso de Pós-Graduação-Mestrado em Educação/PPGE/UFSM – marianagb@ibest.com.br

² Orientadora

I. INTRODUÇÃO

Desenvolver um trabalho aliando a Educação Ambiental e o Ensino da Arte requer um olhar corajoso sobre nosso meio, o educando e a educação que desejamos. Desta forma, estudar esse contexto demanda muita curiosidade e interesse acerca desse objeto de estudo, que trouxe algumas reflexões, as quais alimentaram ainda mais essa pesquisa.

Construir uma pesquisa que tenha como elemento norteador a Educação abarca uma série de pensamentos prévios, que deverão ser desdobrados nas duas áreas de interesse: O Meio Ambiente e o Ensino da Arte.

Desenvolver uma compreensão rica em torno desses referenciais educativos parte também desse movimento que é educar através do contexto experiencial que o educando apresenta, porque é nele que estão contidas as mais variadas experiências vivenciais que enriquecem de sentido, tanto para o educando quanto para o pesquisador.

O meio ambiente é visto e revisto de inúmeros modos, em que cada um com sua sensibilidade e vivências particulares articula uma compreensão individual, intransferível e singular, pois fazemos relações somente pelas experiências que tivemos e com aquilo que conhecemos.

Não podemos deixar de pensar também, nas marcas que esse ambiente deixou nesses indivíduos. Alguma experiência externa que foi recebida, internalizada e modificada, pois somos da mesma forma, sujeitos ativos em nossa cultura quando transformamos nosso meio.

Portanto, conhecer nosso meio é, acima de tudo, uma forma de saber quem somos, de onde partimos e como é que vamos modificar esse ambiente, reconhecendo-nos como sujeitos transformadores e potencialmente ativos na conquista de nossas verdades. Trabalhar Arte e Meio Ambiente como elementos norteadores para um significado de nosso meio, tanto natural como cultural e social, é desenvolver sentidos para novas aprendizagens. Esta tarefa de mudar toda uma concepção de ensino é

realmente difícil, pois são idéias arraigadas no histórico de nossa educação. Porém, essa transformação pulsa nos centros de ensino, e muito já está sendo feito para essa mudança de paradigma. Como enfatiza Santos (1987), ao mencionar as diferentes estruturas de pensamento compostas por um sujeito que é também um sujeito formado por estruturas culturais: do paradigma dominante (ainda) para o paradigma emergente. Desta forma, introduzir um pensamento ambiental com uma linguagem artística, é também mostrar uma visão humanista e socialmente importante para a construção de mentalidades voltadas para o belo, para o ético, para o futuro.

Todos somos atores e criadores de nosso espaço-tempo, realizamos inúmeras ações que, envoltas por nosso meio, são ampliadas no sentido de formar, de alguma maneira, nosso meio cultural. Portanto, elaborar meios entre o Ensino da Arte e a Educação Ambiental, que possibilitem modificar esse ambiente, é trabalhá-lo na intenção de acender infinitas possibilidades investigativas do ser humano e de seu entorno.

Inserir o Ensino da Arte e a Educação Ambiental em um contexto didático, que possibilite uma comunicação entre os indivíduos e esta pesquisa, é tarefa indissociável do contexto experiencial do educando, pois é nesta conjuntura que se mobilizam as reflexões críticas que estruturam esta pesquisa.

Desta forma, o Ensino da Arte reflete também sobre estas mesmas questões que a Educação Ambiental discute e questiona, visando, assim preparar uma pesquisa que busque, acima de tudo, abraçar novos questionamentos que poderão surgir ao longo dela e elaborar discussões críticas sobre nossos sistemas de aprendizagem de nosso meio, especificamente o entendimento da linguagem visual, visando uma educação do olhar para problemas como a poluição visual.

Vincular o Ensino da Arte com a Educação Ambiental é, do mesmo modo, semear novos sentidos sobre o sujeito e sobre seu entorno, possibilitando uma busca de novas significações desse espaço e deste indivíduo, porque a Educação é, entre muitas outras implicações, ferramenta de produção de sentidos, a qual, aliada à sensibilidade de cada um, poderá transformar a realidade.

A transversalidade aqui proposta baseia-se nas necessidades do nosso mundo contemporâneo compartimentado, que é o reflexo do sistema cartesiano, o qual visa a

divisão do conhecimento. E hoje, como herança dessa divisão, temos a subdivisão dos campos de conhecimento em especialidades independentes, cada uma com seus problemas fechados, baseados na cultura do positivismo que trata de explicar as coisas, seres e fenômenos através de um teor rígido de cientificidade o qual valida a experiência e rege todos os sistemas de idéias e que favoreceram essa caminhada disciplinar reducionista.

Portanto, a interdisciplinaridade surge como um caminho para entender melhor essa sociedade fragmentada e subdividida em áreas aparentemente distintas, mas que carregam consigo problemáticas inerentes a um só caminho, o do ser humano.

Com o objetivo geral de utilizar a leitura de imagem na aula e artes com alunos da primeira série do ensino médio, para realizar uma discussão crítica das questões ambientais visando sensibilizar e desenvolver novas metodologias na aprendizagem com estes alunos. Buscar, diante da realidade de cada aluno, a compreensão de sua história, sua cultura e de seu entorno. Elaborar leituras e releituras de seus mundos, a partir de questionamentos sobre as imagens, afim de que se tornem também, sujeitos ativos da cultura, como colaboradores no processo de desenvolvimento para uma sociedade mais limpa, educada e consciente. Incentivar o trabalho com Arte, para que consigam efetivamente uma educação do olhar, através da leitura crítica de imagens, e conseqüentemente de uma visão voltada para a estética, a fim de que, possam perceber a poluição visual.

Através desta pesquisa buscou –se saber como se realiza esse entrecruzamento entre o Ensino da Arte e a Educação Ambiental na escola, de que forma essa pesquisa contribuirá, para uma conscientização do nosso Ambiente através do Ensino da Arte e de que maneira o meio interfere na vida dos alunos enquanto ambiente visual, cultural e social para a sua percepção da poluição visual. Com uma metodologia de investigação realizada em uma escola pública, no período da tarde destinado à disciplina de Educação Artística, sendo cada encontro com a duração de 45 minutos, em um total de 12 encontros, com a turma 101. Foi aplicado o mesmo questionário feito à outra turma anteriormente (turma 107) com 38 alunos, com o objetivo de comparação das respostas obtidas, antes e depois do trabalho final.

Os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante, o diário de campo, um questionário, uma atividade para a compreensão de uma imagem e de meio ambiente - método de leitura de imagem e análise documental.

Desde o primeiro encontro foi demonstrado aos alunos o que se esperava desta pesquisa, quais eram os objetivos e quais os caminhos que seriam percorridos para alcançá-los. Desta forma, o apoio dos alunos foi imprescindível para que este trabalho pudesse ser enriquecido de sentidos, porque a partir da disponibilidade / abertura que eles demonstraram para com ele, é que foram desenvolvidos os resultados.

Essa investigação é fruto das vivências dos sujeitos que dela participaram, e se tornou rica pelo fato da participação ativa dos alunos, atuando como protagonistas deste projeto, partilhando cada momento vivenciado de descobertas. Desta maneira, o trabalho em aula foi realizado, a partir das respostas que os alunos traziam. Foi construída uma pesquisa na qual o trabalho dependia também dos educandos contribuindo como um instrumento norteador de questionamentos, pois quando os alunos demonstravam certas preferências por determinados assuntos, ou mesmo inclinações para discussão desse ou daquele tema, a metodologia de pesquisa movimentava-se por alguns diferentes cruzamentos, não os previstos anteriormente, mas que, provavelmente, evidenciavam os principais interesses dos alunos. Isso pode ser verificado quando surgiam questões a partir das obras, mas que evidenciavam as vivências pessoais dos alunos. As experiências desses indivíduos tornaram-se determinantes para a elaboração dos instrumentos metodológicos e das conclusões alcançadas, criaram maior sentido para essa investigação.

Assim, segue o relato sobre os encontros com a turma (101) de primeiro ano em uma Escola Estadual. No total de doze encontros, cada encontro / aula com 45 minutos de duração, no período da tarde. Todos os encontros aconteceram no Laboratório de Artes dessa escola, em aulas destinadas a Educação Artística.

Foi escolhido desdobrar a pesquisa na forma de encontros e discuti-los a partir de anotações no diário de campo, considerado importante para o entrecruzamento de idéias, análise dos trabalhos plásticos, assim como dos questionários e da leitura de imagens.

Primeiro encontro: O questionário foi proposto a essa turma com o objetivo de obter uma amostra maior de respostas sobre as suas compreensões diante do Meio Ambiente, para posteriormente ao término da pesquisa compará-lo com as respostas da turma (101), na qual o trabalho foi desenvolvido, a fim de detectar se realmente houve uma diferença de pensamento entre esses dois grupos.

Para demonstrar os resultados encontrados, serão discutidas as representações de Meio Ambiente através de dois teóricos chamados Reigota e Sauvé (1997 e 1996 apud SANTOS, 2001). Segundo Reigota, o conceito de ambiente é uma representação social, isto é, um conceito que evolui no tempo e que depende do grupo social que o utiliza. Ele depende da formação profissional das pessoas, de suas vivências, do lugar em que vivem. Reigota classifica, a partir de seu estudo de representações sociais, as visões de meio ambiente que os indivíduos constroem. São elas: Visão Naturalista, Visão Antropocêntrica e a Visão Globalizante.

Sauvé (1996 apud SANTOS, 2001), através do estudo fenomenológico da teoria e da prática em Educação Ambiental, identifica sete visões ou representações sobre o Meio Ambiente. São elas:

Ambiente como natureza, Ambiente como recurso, Ambiente como um problema, Ambiente como meio de vida, Ambiente como sistema, Ambiente como biosfera, Ambiente como projeto comunitário.

Abordando os sujeitos desta pesquisa, a partir do conceito de Sauvé e suas classificações de Representações de Meio Ambiente, foi percebido inicialmente que, dos 78 alunos questionados, 80% encontravam-se na primeira classificação: O Ambiente como Natureza. O restante pensa nele como recurso esgotável e assim, conseqüentemente como um problema. Porém, não se inclui neste problema o homem, que está como espectador, interferindo, mas não fazendo parte. Desta maneira, foi entendido que a grande maioria dos sujeitos questionados das duas turmas referidas possui uma visão ainda superficial de Meio Ambiente, onde se sobressaem visões ingênuas.

Segundo encontro: Foi passado o filme “Ilha das Flores”, para depois realizarmos uma discussão. Esse filme foi escolhido porque era necessário que eles fizessem relações entre os seus atos, que, ao serem vistos em uma dimensão geral,

identificassem um processo de ação-reação que existe no Meio Ambiente. Assim, ao verem fatos reais de calamidade do ser humano na sua mais profunda degradação como sujeito, poderiam sensibilizar-se para um anseio de mudança. Essa proposta teve como objetivo, desenvolver a percepção de meio ambiente que os alunos já haviam demonstrado na primeira aula, visando um enfoque mais dinâmico da interrelação entre os fatos do cotidiano.

A proposta consistia em que escrevessem a idéia central do filme, e que demonstrassem criticidade ao escrever o que realmente acharam dele.

A partir então do terceiro encontro foram discutidas algumas imagens selecionadas, com as quais realizamos a leitura de imagens, esta proposta para análise de uma imagem foi norteadas pelos seguintes âmbitos: Âmbito Histórico: imagens são produtos de contextos sociais, políticos, culturais. Trazem modelos específicos de pensar, origem, época, gênero.

Âmbito Mercadológico: Imagens x inserção de produtos no mercado. Ética e estética. Tecnologias da informação. Visão de mundo. Meios de veiculação.

Neste âmbito podem-se fazer inserções com a publicidade de certas imagens e relacioná-las com as que possuem a intenção de venda mercadológica e as que possuem a intenção de venda de um conceito.

Âmbito Biográfico; Identidade Cultural x Globalização.

Foram relacionados alguns aspectos de simbologias e foi proposto aos alunos que trouxessem alguns símbolos de seu dia a dia, para que pudéssemos esclarecer alguns sentidos desses símbolos e o conceito de símbolo.

Atenção ao potencial consumidor das imagens. Elas são evocativas de sonhos, fantasias e desejos. Influenciam nosso modo de ver e atuar no mundo. Aspectos simbólicos.

Âmbito Crítico social: Rever os conceitos de sociedade, comunidade, desperdício, consumo, reciclagem. Atenção ao meio ambiente. Realidade social. Aproveitei para discutir alguns aspectos do nosso cotidiano que remetem a essa efemeridade e descartabilidade que a nossa sociedade nos impõe, e pedi que trouxessem exemplos dessa realidade.

Depois de realizado este trabalho com a imagem escolhida, a proposta consistia na elaboração de uma releitura dessa obra apresentada, não deixando de esclarecer sempre que releitura não é cópia, que ela é transformação, interpretação, criação, com base em um referencial, assim como é a leitura dessa imagem, que não traduz necessariamente o exato pensamento do artista.

O método da Leitura de Imagens trás consigo várias interpretações de diversas realidades diante de uma única obra, que pode ser ou não de nosso tempo, que pode ser do mesmo tema ou não do que vamos discutir, porque cada um dará sua diferente interpretação referente à imagem. Assim como Argan e Fagiolo (1994, p.34) comentam: “o que determina e justifica nossa interpretação da arte do passado é a situação da nossa cultura e, especialmente, como é fácil de entender da cultura artística, pois não é possível compreender a arte do passado se não se compreende a arte da própria época”.

Compreender nosso mundo a partir de nossa cultura, no caso, nossa cultura visual, é compreender também as interfaces do nosso estar no mundo, é a partir desse entendimento que poderemos mudá-lo. Portanto, o método de Leitura de Imagens, ao ser abordado com diferentes concepções, e naturalmente, sobre nosso Meio Ambiente, trouxe um entendimento estético e ético, com a finalidade de percebermos o problema da Poluição Visual, porque, diante desta estetização do olhar através de uma pausa para contemplar e entender cores e formas, elegendo sentimentos, trás também um olhar mais ético e compromissado com nosso meio, deflagrado também a partir de discussões críticas sobre nossa realidade.

Tendo como base os 40 alunos com os quais foi realizado o trabalho, em um período de doze encontros, com a duração de 45 minutos cada um, uma mudança na visão de meio ambiente, e, principalmente a visão sobre a poluição visual, foi quase absoluta. Eles demonstraram nitidamente um engajamento com a pesquisa e sofreram uma transformação evidente em suas formas de pensar sobre o meio ambiente, confirmado em suas falas, nos questionários, em seus trabalhos plásticos, e principalmente, na leitura de imagens.

Porém, essas expressões verbais dos alunos não determinam ainda, efetivamente, uma mudança de concepção, pois não estabelece a certeza de mudança de

comportamento, que é o que realmente deveria acontecer para uma transformação, uma mudança no fazer, em seus hábitos. Demonstraram, ainda, que se sentiram valorizados com a experiência, pois suas idéias eram muito importantes para a concretização do trabalho, percebiam estar participando de um projeto para a mudança, que entendiam ser a deles próprios e também de suas famílias e amigos, já que, em vários relatos em sala de aula, foi observada informação de discussões com vários tipos de pessoas sobre os temas trabalhados em aula.

Estas observações puderam ser entendidas a partir do momento em que os sujeitos da pesquisa já estavam mais familiarizados com as obras de arte, com as quais foi realizada a leitura de imagem. Foi constatado também que a leitura de imagem é um importante instrumento metodológico para realizar uma interpretação de nossa sociedade, bem como para a realização de um entrecruzamento entre a linguagem plástica e a Educação Ambiental em si. Como foi percebido nos relatos dos sujeitos de pesquisa, esse instrumento foi considerado o mais sólido e o mais problematizante, em se tratando de alunos de primeiro ano do ensino médio, que estão no período da adolescência e sentem-se confusos com suas identidades. Desta forma, ao abordar questões que são importantes para esses sujeitos, o trabalho pode ser desenvolvido com maior fluidez e importância.

XI. BIBLIOGRAFIA:

_ALEVATO, Hilda Maria Rodrigues. **Qualidade um Mito Pós-Moderno.** In: **Representação Social e Educação.** Campinas: Papyrus, 1999.

_AQUINO, Julio Groppa. **Ensaio Sobre a Ética e Seus Avessos.** São Paulo: Summus Editorial LTDA, 2000.

_ARGAN, Giulio; FAGIOLO, Maurizio. **Guia de História da Arte.** Lisboa: Estampa, 1994.

_ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre. Imagens e Auto-imagens.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_CAUDURO, Neiva Terezinha Saccol. **A Arte e o Meio Ambiente como uma variável de educação no colégio Edna May Cardoso.** Santa Maria, 2004.

_COIMBRA, Audrey Souza de. **Revista eletrônica do mestrado de Educação Ambiental.** FURG: Rio Grande, 2005.

COSTA, Marisa V. **Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura.** IN: CANDAU, Vera M. **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P.29-46.

_DELIZOICOV e ANGOTTI. **Metodologia do Ensino de Ciências.** São Paulo: Cortez, 1990.

_DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky. Polêmicas do nosso tempo.** São Paulo: Autores Associados, 1999.

_ DUVOISIN, Ivane Almeida. A necessidade de uma visão sistêmica para a Educação Ambiental: Conflitos entre o velho e o novo paradigma. In: RUSCHEINSKY, Aloísio org. **Abordagens Múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_ FÉLIX, Loiva Otero. **História & memórias: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo. Ediuupf, 1998.

_ FRANÇA JÚNIOR, Roberto Hermínio. Engenheiro Civil. “Poluição Visual Urbana”. http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./urbano/index.html&conteudo=./urbano/artigos/polu_visu.html - 32k). Acesso em 02.05.2005.

_ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_ FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

_ FRANZ, Terezinha S. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2003.

_ GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1987.

_ GALIAZZI, Maria do Carmo. **A pauta do professor na sala de aula com pesquisa**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. FURG: Rio Grande, 2005.

_ GARCIA, Regina Leite. Org. **Cadernos CEDES 29 Educação Ambiental**. São Paulo: Papirus, 1993.

_GAUTHIER, Clermant. **Por uma teoria da pedagogia. Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** Unijuí: Ijuí, 1998.

_GUATTARI, Felix. **As três ecologias.** São Paulo: Papyrus, 1999.

_HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

<http://alea-estp.ine.pt> acessado em 05/06/05

http://www.juristas.com.Br/resp_busca_jurisprudencia.jsp acessado em 09/07/05

http://www.ambientebrasil.com.Br/composer.php3?base=/urbano/index.htm&cconteúdo=/urbano/artigos/polu_visu_html acessado em 09/07/05

_KANDINSKY, Wassily **Do espiritual na arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_ LEI – nº11730 de 09 de Janeiro de 2002 – disponível em <http://www.al.rs.gov.Br/Legis/MO100099.ASP?Hid> –Tipo em 04/07/05.

_ LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

_MARCELLINO, Nelson C. Lazer: Concepções e significados **Revista Licere**
– Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação / EEF/UFMG, Belo Horizonte, V. I, nº 1, 1998.

_MINAMI, Issao. <http://www.vitruvuis.com.br/artquitextos/arg000/esp074.asp>.
Acesso em 08.05.2005

_MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita. Repensar a reforma. Reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____ **Os sete saberes Necessários à Educação do Futuro.**
São Paulo: Cortez, 2001.

_NOAL, Fernando Oliveira. **O movimento ecologista no RS: Uma abordagem histórico-social de sua trajetória no período 1970-1995.** Santa Cruz do Sul: Dissertação de Mestrado, 1999.

_OLIVEIRA & HERNÁNDEZ Marilda Oliveira de, Fernando, orgs. **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais.** Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

_OSINSKI, Dulce. **Arte, História e Ensino – uma trajetória.** São Paulo: Cortez, 2001.

-OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação** 13º ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

_PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: 3º e 4º ciclos: Apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_PARDO, Díaz, Alberto. **Educação Ambiental como projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_RIBEIRO, Maria Luiza. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 1990.

_SACRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências**. Porto Alegre: Edições Afrontamento, 1987.

_SANTOS, J. E.; Sato, M. **A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos, RIMA, 2001.

_SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias. O impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003, 320p.

_SAVIANI, Dermeval. **Política e Educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1998.

_SILVA, Enio Waldir. **Introdução à reflexão sociológica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

_SIRVINSKAS, Luís Paulo. **Manual de Direito Ambiental**. São Paulo: Saraiva, 2003.

www.redeambiente.org.br/opiniaosp?artigo=65 acessado em 9/07/2005

_ZAKRZEVSKI, Sônia Balvedi org. **A Educação ambiental na escola: abordagens conceituais.** Erechim: Edifapes, 2003.

ANEXO:

Questionário:

1. O que é meio ambiente?
2. O meio em que você vive, sua escola, seu trabalho, sua casa, seu bairro, fazem parte de seu meio ambiente?
3. Como você vê a sua cidade? Ela é agradável de se viver, possui espaços naturais, como praças, parques? Ela possui um bom fluxo de veículos e de pessoas? Diferencie as áreas centrais da periferia.
4. Você sente que sua cidade é bela? Quais os lugares que você considera belos? Porquê? Se não sente, diga porque não é bela.
5. Que diferenças você percebe entre os espaços centrais da cidade e os mais retirados? Eles possuem a mesma ocupação, têm as mesmas características arquitetônicas, são igualmente ocupados com anúncios publicitários? Possuem o mesmo número de transeuntes e veículos em circulação?
6. Santa Maria é uma cidade que mostra sua história através dos seus prédios, monumentos e ruas? Como isto ocorre, dê exemplos.
7. Você pensa em manter sua cidade limpa, preservada, bela, se pensa, como você age para que estes pensamentos se efetivem na prática?
8. Você sente a necessidade de mudanças, em relação ao comportamento das pessoas, em geral, com relação à conservação dos elementos que formam a paisagem de seu colégio, de sua cidade? Se sim, que mudanças seriam essas?
9. Existem vários tipos de poluição. Entre elas podemos citar a poluição do ar, geralmente a mais conhecida, a da água, do solo, a sonora. Mas você já ouviu falar em poluição visual? Você acredita que ela pode trazer malefícios para a saúde do homem assim como as outras poluições? Que malefícios seriam esses?